

---

# REPRESENTAÇÃO DA INFÂNCIA PÓS-MODERNA NA OBRA *PAI, POSSO DAR UM SOCO NELE?*, DE JOSÉ CLÁUDIO DA SILVA

*Jordânia Alberto de Siqueira*<sup>1</sup>

*Maria Edinete Tomás*<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente artigo discute as representações contemporâneas de infância mediadas pela literatura brasileira pós-moderna, com foco no conto indicado no título do estudo. Para tanto, desenvolveu-se pesquisa teórica e estudo analítico da obra literária tomada como amostra. A pesquisa teórica envolveu estudos históricos, sociológicos e da crítica literária. Os resultados apontam que a obra literária analisada representa a criança a partir de parâmetros inovadores, diferentes dos tradicionalmente convencionados, o que, por sua vez, exemplifica os conceitos trabalhados pelos teóricos do estudo, revelando que as representações têm base complexa e variam no tempo e no espaço.

Palavras-chave: Infância. Representação Social. Literatura Pós-moderna.

## 1 INTRODUÇÃO

O homem é um ser que representa a si e a realidade que o cerca por diferentes motivos. As representações que se preservam no tempo tendem a fazer parte da cultura de grupos humanos, maiores ou menores. Enquanto fenômeno, as culturas se modificam continuamente, o que se pode verificar a partir do modo como as crianças e a própria infância são representadas no interior de cada cultura.

O presente estudo objetiva discutir a representação de infância numa obra da literatura infanto-juvenil brasileira, publicada no início do século XXI. Discute a questão com base em autores que tratam de

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras com habilitação em Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA. E-mail: j.jordania@hotmail.com

<sup>2</sup> Docente do curso de Letras, UVA, responsável por disciplinas de Literatura Brasileira. Email: editomas@hotmail.com

assuntos com ela inter-relacionados, detendo-se mais em Philippe Ariès (1981), que faz um resgate histórico da criança ocidental desde a Idade Média, possibilitando bons parâmetros a partir dos quais se pode compreender a construção da infância; Mary Del Priore (2001; 2012), cujo trabalho foca a história da criança brasileira em geral, com características culturais próximas às da cultura ocidental; Zygmunt Bauman (2004; 2011), que traça um perfil da sociedade pós-moderna na qual se acha inserida a criança na contemporaneidade. Em Jean-François Lyotard (1984) encontra-se a discussão sobre pós-modernidade literária, que, para o autor, manifesta-se de maneira mais precisa em fins dos anos 1950, quando as inovações estilísticas propostas pelos modernistas já se acham incorporadas à cultura ocidental.

De modo geral, as pesquisas acerca da infância são recentes, especialmente no Brasil, o que pode depor a favor da importância do presente trabalho que, embora introdutório, deseja contribuir para o desenvolvimento de investigações mais aprofundadas acerca da temática da infância na literatura.

## **2 MATERIAIS E MÉTODO**

O presente estudo mostra-se como analítico e descritivo, pois, para melhor discutir as representações contemporâneas de infância, objeto de interesse, observa e descreve como o conceito se apresenta na cultura brasileira, fortemente influenciada pela cultura europeia. Baseou-se nos seguintes pressupostos: o conceito de infância varia de acordo com as influências do meio social; o comportamento da criança pós-moderna é um reflexo das atitudes e hábitos dos adultos que a cercam; a literatura é um rico campo, inclusive para investigar as representações de infância de diferentes épocas.

A partir dos pressupostos acima, foram levantadas as seguintes questões norteadoras: Se as representações baseiam-se em concepções, e estas podem variar no tempo e no espaço, como a criança é hoje percebida pelo adulto e como é por ele representada? A que se devem as representações atuais de criança e de infância mediadas pela literatura?

Para responder essas questões, adotaram-se os seguintes procedimentos: a) desenvolveu-se pesquisa teórica sobre infância e sua representação na cultura europeia e na cultura brasileira, por ela influenciada; também sobre o perfil da sociedade ocidental pós-moderna e da literatura desse período; b) identificou-se uma obra literária brasileira, representativa da contemporaneidade, em cujo elenco constassem personagens adultos e crianças; c) definiu-se essa obra literária como amostra, com base na qual os conceitos sistematizados na pesquisa teórica pudessem ser aplicados.

A pesquisa teórica envolveu estudos nos campos da história, sociologia e crítica literária, por se perceber importante a interseção que há entre essas áreas para se realizar a discussão temática pretendida. Esta se desenvolveu focando dois momentos. No primeiro, esboça-se a história da infância, enfatizando-se as mudanças que ocorreram na cultura europeia desde a Idade Média à Pós-modernidade. Tendo em vista que cada lugar tem seus próprios conceitos e visões acerca da infância, procurou-se entender aqui a infância brasileira a partir das influências culturais por ela sofridas do mundo ocidental. O segundo momento corresponde à aplicação dos conceitos à amostra literária, por meio da qual se observou que fatores influenciaram na formação do conceito da infância do século XXI e como isso é representado na referida obra literária.

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

#### **3.1 História da infância ocidental**

Estudos sobre a infância revelam que este é um termo de construção histórico-social, variando com o tempo e com o espaço. A criança sempre existiu; o modo de percebê-la e tratá-la, no entanto, sofre influência cultural, como adianta Marisa Lajolo (1997, p.191):

Alguns registros mais antigos, quando comparados a outros contemporâneos, ensinam que infantes e infância foram diferentemente concebidos e, conseqüentemente, tratados de maneira diferente

em distintos momentos e lugares da história humana.

Ariès (1981), através de pesquisas iconográficas e documentais sobre criança e infância, especialmente no contexto da cultura ocidental, confirma as conclusões de Lajolo (1997). Em seus estudos, o pesquisador francês identificou também que o conceito de infância nem sempre existiu, pois nas sociedades mais antigas dificilmente há registro dessa etapa da vida humana. Para o autor, inclusive na Idade Média, são raros os indícios de representação da criança, fato que o leva a afirmar:

[...] os homens dos séculos XX-XI não se detinham diante da imagem da infância, que esta não tinha para eles interesse, nem mesmo realidade. Isso faz pensar também que no domínio da vida real [...] a infância era um período de transição, logo ultrapassado, e cuja lembrança também era logo perdida. (ARIÈS,1981, p.54).

Ariès (1981) defende ainda que na Idade Média o interesse adulto para com as crianças era superficial e durava pouco tempo, enquanto estas ainda eram muito pequenas e não podiam andar ou se alimentar sozinhas. Em face do pouco cuidado que recebiam, era comum as crianças pequenas morrerem, sem que isso causasse pesar na família ou em outras pessoas, já que logo outra criança nasceria. Se a criança sobrevivesse a essa fase de total dependência, imediatamente entraria no mundo dos adultos, e para isso bastava aprender a andar e a comer sem precisar de auxílio.

A criança passava a ser tratada como um adulto em miniatura; inclusive, nem as vestimentas as diferenciavam dos adultos, com quem dividiam as mesmas experiências cotidianas. Nessa perspectiva, além de contribuírem para a subsistência do grupo em que viviam, trabalhando e adquirindo alimento, presenciavam cenas de morte, sexo, nascimento etc., sem qualquer restrição. Essa situação começou a mu-

dar entre o século XVI e XVII, quando houve o que Ariès (1981) chama de “a descoberta da infância”.

Perceber a criança com identidade própria correspondeu a um processo de lentas, mas importantes, mudanças na história da infância, que começa a ser construída a partir da preocupação de moralistas e religiosos com a disciplina e a racionalidade dos costumes. Eles começaram a representar as crianças como “[...] frágeis criaturas de Deus que era preciso ao mesmo tempo preservar e disciplinar.” (ARIÈS, 1981, p. 164).

Com a ascensão da burguesia, por volta do século XVIII, começa a se configurar um novo modelo de sociedade no mundo europeu: inicia-se a valorização da família unicelular e dos espaços privados, o que promoveu a separação entre vida familiar e vida pública. Nesse contexto, a criança burguesa era cuidada diretamente pela mãe, cercada de atenção no seu ambiente familiar privado, íntimo, que estreitava as relações interpessoais e estimulava o surgimento de vínculos afetivos, especialmente entre pais e filhos.

A instituição da infância na sociedade burguesa deu-se com intenções ideológicas, mediadas por um tipo de representação oposto ao concebido em épocas anteriores. A nova representação foi construída como parte de um modelo ideal de sociedade e contou com o apoio de intelectuais, educadores e artistas, como é possível depreender do que diz Heywood (2004, p.11): “[...] os românticos idealizavam a criança como criatura abençoada de Deus, e a infância como uma fonte de inspiração que duraria a vida toda.” Começa aí a ser construída a imagem da infância feliz, como plano de fundo para outras representações.

Transformada no centro das atenções familiares, porque então percebida como frágil e pura, a criança ganha uma identidade e espaços peculiares. Conseqüentemente, surgem novas preocupações, inclusive relacionadas com sua higiene, saúde física e educação. Tais aspectos podem ser percebidos pelo que diz Stearns (2006, p.74):

A infância se tornou mais fundamental, com o crescente reconhecimento das necessidades especiais de alimentação e orientação; aumentou o fo-

co na escolaridade; taxas de natalidade começaram a cair a fim de permitir mais atenção individual às crianças; uma distinção formal maior entre a infância e seus vários estágios e a idade adulta marcou também essa transformação.

É importante lembrar que as mudanças acima referidas ocorreram de forma gradual, sujeitas a fatores locais, temporais, culturais etc.; e não chegaram a alterar a realidade de crianças de todos os níveis sociais. Infelizmente, a realidade das crianças pobres, até bem pouco tempo, parece sofrer apenas leves modificações na cultura europeia e nas culturas por ela influenciadas. Assim sendo, o mais comum era ignorarem-se as peculiaridades infantis dessas crianças pobres, até porque, como diz Oliveira (2009, p.25): “No início do século XIX grande parte da população – com características econômicas precárias e com número maior de componentes, vivia como as famílias medievais.”.

O fato acima referido pode, inclusive, ser exemplificado na cultura brasileira a partir dos estudos de Del Priore (2001). Sobre a vida das crianças no Brasil Imperial dos séculos XVIII e XIX, diz a historiadora que os filhos dos fazendeiros de café viviam como príncipes: “[...] passeios na carrocinha puxada por cabritos, preceptores particulares, brinquedos – até pianos – importados da Europa” (DEL PRIORE, 2001, p.111). Por outro lado, o mesmo não acontecia com os filhos das classes populares, menos ainda com os filhos de escravos, desde cedo educados na prática de servir às classes sociais privilegiadas, muitas vezes isso implicando serem maltratadas.

No final do século XIX, o Brasil estava em processo de urbanização e industrialização; era comum que crianças de famílias pobres brasileiras e filhos de imigrantes trabalhassem como operários. Essas crianças trabalhavam nas máquinas têxteis correndo sérios riscos de sofrer ferimentos graves.

Sobre essa demora das mudanças em alcançar todas as classes sociais, Ariès (1981, *apud*, OLIVEIRA, 2009, p.25) explica que:

[...] a evolução do conceito da forma de organização da família medieval para a organização da família do século XVII e para o conceito de família moderna, durante muito tempo, foi limitada aos nobres, burgueses, artesãos e lavradores ricos. Com a inserção da escola, da privacidade, e com a manutenção das crianças junto aos pais e o sentimento de família valorizado por instituições especialmente a Igreja, a família nuclear burguesa começa a se compor, e a vida familiar foi crescendo, estendendo-se a toda a sociedade.

O século XX foi marcado por novas e profundas transformações sociais. No geral, a criança tornou-se o centro das preocupações de governos e de outras organizações. Órgãos como a Organização das Nações Unidas (ONU) e o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) passaram a dar atenção especial para fatores como educação e proteção das crianças, agora vistas e respeitadas legalmente com direitos básicos universais. A criança passou a ser percebida com maior visibilidade, inclusive como sujeito com direitos próprios.

O novo modo de perceber e representar a criança e a infância advém de profundas alterações no âmbito social e familiar das sociedades ocidentais, dentre as quais se destacam: a crescente industrialização e o conseqüente avanço tecnológico; a inserção das mulheres no mercado de trabalho e seu parcial distanciamento do ambiente familiar; o surgimento dos meios de comunicação de massa e o contato com diferentes culturas e modos de vida; o forte desejo de liberdade e a promoção do individualismo.

Peter N. Stearns (2006, p.144) ressalta que neste processo de mudanças, alguns enfoques que tinham caracterizado a visão da sociedade sobre a infância durante o século XIX foram alterados, “[...] os comportamentos se tornaram mais flexíveis. Por volta de 1940, as injunções dos pais acerca da postura foram sendo abandonadas”.

A participação dos filhos nas decisões familiares tornou-se algo recorrente, novos comportamentos e condutas foram aceitos, surgiram novos métodos de educação, preocupação com o desenvolvimento

cognitivo das crianças e com formação da personalidade, além de “[...] inovações quanto ao tratamento das crianças, reconsiderando os métodos tradicionais de disciplina e aumentando o grau de interesse – e preocupação – na criança como consumidora.” (STEARNS, 2006, p.143).

Um acontecimento importante que alterou a vida das crianças de todas as classes sociais foi a inserção das mulheres no mercado de trabalho. Sem a mãe para cuidar delas o dia todo, as crianças começaram a entrar cada vez mais cedo na escola. Dessa forma o contato com sua própria família teve o tempo reduzido e o modelo de família burguesa de certa forma foi alterado. Como a mãe não ocupa seu tempo integral a cuidar dos filhos, as crianças passam a ter mais acesso ao mundo exterior à família mais cedo.

No século XXI, a vida profissional tem sido cada vez mais colocada antes das relações sociais. Bauman (2004) aponta que um dos principais caracteres desse novo tempo é a individualização do ser, que anseia por mais liberdade; é constante o desapego aos afetos, a busca da satisfação através do ter, aumentando o consumismo. Aliado a essas questões, a falta de tempo também é um dos fatores que está refletido dentro do contexto familiar, alterando os relacionamentos dentro da família.

No que se refere à relação entre pais e filhos, pode-se afirmar que na sociedade atual os pais delegam, com raras exceções, o papel de cuidar e educar a criança a outras pessoas, pagas para exercer essa função. O distanciamento entre pais e filhos faz parte das atuais relações familiares. Bauman (2004) afirma que o relacionamento entre as pessoas está cada vez mais distante, superficial e frágil; ao olhar para a família é possível afirmar que isso inclui as relações familiares. Os pais se ausentam do convívio com os filhos, envolvidos no trabalho e nas inúmeras atividades exigidas pela vida moderna, assim como procuram manter seus filhos sempre ocupados com inúmeras atividades ou simplesmente com a tecnologia.

Este mundo regido por pessoas cada vez mais individualistas, inseguras e ansiosas, influenciadas pelo capitalismo e pelo consumis-

mo, é o contexto no qual a infância contemporânea se encontra. Conforme Nayara H. D. Oliveira (2009, p.27):

Marcada pelo ritmo acelerado do capital, a família pode reproduzir, em seu interior, o individualismo e a competição, frutos da modernização da sociedade, podendo, neste contexto, haver o predomínio do interesse individual sobre o coletivo, desfigurando o entendimento de que a família deveria ser local onde o coletivo predominasse sobre o individual.

Outro fator que contribui para a mudança do conceito de infância e influi na maneira como a criança é vista dentro da sociedade é a crescente influência que a mídia tem sobre as crianças, começando com o rádio, depois a televisão, e mais recentemente a internet. As mídias têm exercido um grande poder, provocando mudanças comportamentais nas crianças e fazendo parte da vida delas independentemente da classe social e da idade.

A criança pós-moderna tem-se revelado mais independente, pois ao ter contato com as diferentes tecnologias, desenvolve-se mais cedo e amadurece precocemente. As barreiras entre mundo adulto e infantil são rompidas pelo conhecimento adquirido pelas crianças através dos meios de comunicação. Neil Postman (1999, *apud* MELO *et al.*, 2009, p.315) alerta que

[...] a televisão dirige tudo a todos ao mesmo tempo, não guarda “segredos”, sendo impossível proteger as crianças da revelação mais completa e mais rude da violência e do consumismo exacerbado, por exemplo. As crianças entram em contato com o mundo adulto e sabem tudo desse mundo.

A mídia dita moda, comportamentos, valores, produtos. As crianças têm sido bombardeadas com imagens apelativas, sendo conduzidas e levando seus pais a consumirem mais a cada dia. Além disso, *Essentia*, Sobral, vol. 15, nº 2, p. 131-151, dez. 2013/maio 2014

podem ter acesso fácil a informações que antes só os adultos tinham, através dos meios de comunicação elas aprendem e veem de tudo. A aproximação das crianças para com os meios de comunicação, onde elas estão expostas a violência, sexo, apelos para consumo etc., contribui para que haja mudanças no comportamento delas e na forma como a sociedade vê o ser infantil.

Questão como esta traz à reflexão o que Ariès (1981) apresentou sobre a divisão entre adultos e crianças, que não existia nas sociedades primitivas, pois o que parece, no atual contexto, é que essa falta de distinção tem voltado e está se firmando na sociedade contemporânea, mesmo que se apresente com uma nova roupagem. Postman (1999, *apud* MELO *et al.*, 2009) aponta que através dos meios de comunicação ocorre uma espécie de “adultização” das crianças, já que elas procuram imitar o comportamento do adulto e os próprios adultos incentivam que elas façam isso.

Como foi possível observar, a infância já foi vista de diferentes maneiras. Oliveira (2009, p.31) ressalta:

Em cada momento histórico, em cada contexto, a família vem sendo construída e possui mobilidade e, por estar sempre em movimento, tal como a sociedade, fica complicado tecer uma única concepção de família, pois ela depende do contexto no qual a família está inserida.

Considerando que a criança é o centro da família ocidental moderna, as transformações que ocorrem no âmbito familiar alteram, também, a situação das crianças dentro da sociedade. Por isso é necessário ter conhecimento do contexto em que ela está inserida, para compreender como ela é percebida e como está representada na literatura.

### 3.2 A representação da infância na obra objeto do estudo

A obra em análise foi publicada em 2003, portanto, no início do século XXI, período esse considerado ainda contemporaneidade ou

pós-modernidade pelos teóricos da literatura, mais precisamente por Lyotard (1984), para quem a designação representa certa tendência artística, melhor delineada a partir de final dos anos 1950. O mesmo crítico diz que isso se reflete exatamente porque o homem desse período deixa de crer nas explicações do lato senso, muitas das quais carregadas de representações, em especial, sociais.

Em tempo, compreende-se como representação o conjunto de princípios, concepções, valores que são mediados socialmente sobre determinado objeto, fenômeno ou ser. Em geral, as representações têm natureza ideológica, sendo construídas a partir de interesses do grupo que exercer maior influência em seu âmbito social.

Inserida no contexto da pós-modernidade, a obra literária em estudo apresenta as marcas estilísticas e as concepções mais próximas de seu momento histórico-cultural e o faz por diferentes maneiras, das quais o respeito pela criança e outras marcas que ainda se fazem muito presentes no cotidiano das sociedades atuais.

O respeito pela infância pode ser percebido já no título da obra: *Pai, posso dar um soco nele?*. Trata-se de uma pergunta que envolve pelo menos um adulto (o pai), certamente uma criança (o filho) que deseja executar uma ação aparentemente violenta; um outro ser, por certo uma pessoa, que sofrerá essa ação. Assim, o título já revela a fala de uma criança que se percebe capaz de resolver seus problemas, posto que a referência ao “soco” alude a um conflito entre ela e o ser em quem deseja bater. Percebe-se que a criança não deseja que o adulto intervenha na questão, apenas que ele a deixe agir. Ou seja, o título em foco indica tanto que a criança possui uma voz, uma opinião e uma capacidade de ação concreta.

Ora, sabe-se que o termo “infante” originalmente designava alguém destituído da capacidade de fala, daí o posterior emprego do termo “infância” àqueles que dependiam diretamente do adulto para sobreviver socialmente. Com base em Ariès (1981), ambos os termos denotavam o quanto as crianças pareciam insignificantes na condução da vida adulta. Nesse contexto, considere-se o que diz Lajolo (1997), quanto à criança sempre ter sido apresentada de acordo com o olhar

do outro, ou seja, a ela não ser dada voz para falar por si própria, para auto apresentar-se/representar-se.

Na obra literária em análise, a negação às potencialidades infantis não ocorre, em especial, devido à abordagem que o autor dá à infância, ao protagonismo que ele reserva às crianças. Atentando-se para o título, percebe-se que há a reprodução de uma fala tipicamente da infância, como se o autor adulto tivesse a pretensão de dar-lhe oportunidade para se expressar, reconhecendo a devida importância da criança no mundo contemporâneo. Essa realidade se confirma no enredo da obra, cuja trama narrativa inicia-se com a revelação do desejo de um adulto, de um pai, desejo esse suplantado pela ação de um grupo de crianças, dois filhos seus e mais quatro sobrinhos.

O barulho das brincadeiras infantis incomoda o pai que deseja concentrar-se em suas leituras, levando-o a planejar ocupar as crianças com alguma atividade que as mantenha entretidas e, preferencialmente, quietas. Resolve, então, levá-las para acampar na mata e lhes dá certa autonomia para explorar o ambiente e resolver desafios mais imediatos, como achar alimento, tomar banho etc. Depois de um dia de desafios enfrentados e de novas experiências vivenciadas, as crianças se deparam com uma situação inusitada: salvar a humanidade escravizada pelos avanços cibernéticos.

Nessa perspectiva, as crianças são as protagonistas da obra em análise, cujo enredo ambienta-se num tempo em que elas já gozam de maior liberdade que na sociedade burguesa desenhada por Ariès (1981). Através da fala dessas crianças e do comportamento que elas assumem durante a história, compreende-se que esta é uma representação da infância típica do século XXI, profundamente marcada pela presença das tecnologias de ponta: computador, Internet etc. Essa realidade se confirma a partir de outros indícios, discutidos adiante.

No caso da família, por exemplo, as personagens da obra em análise possuem um contexto familiar de classe média brasileira, residem num grande centro urbano, cujos procedimentos e valores acham-se muito próximos dos mediados pelos meios de comunicação de massa, senão testemunhados no cotidiano atual. Sobre o assunto e

suas conseqüências no mundo infantil, afirma Del Priore (2012, p.234):

[...] a mudança pelas quais passa o mundo real fazem delas [crianças] também suas tenras vítimas: a crescente fragilização dos laços conjugais, a explosão urbana com todos os problemas decorrentes de viver em grandes cidades, a globalização cultural, a crise do ensino face aos avanços cibernéticos, tudo isso tem modificado, de forma radical, as relações entre pais e filhos, entre crianças e adultos.

As características acima referidas como próprias do mundo pós-moderno são também discutidas por Bauman (2011): individualismo, fragilidade dos laços afetivos, a rapidez dos acontecimentos e da rotina para conseguir alcançá-los, o avanço das tecnologias cada vez mais modernas que acabam dominando a vida das pessoas.

Na obra em análise, os adultos não são nomeados senão pela posição que ocupam na constelação familiar. Assim sendo, aparecem na narrativa apenas como “pai” e “mãe”, cujos procedimentos não parecem tão idealizados como os previstos pelo modelo familiar burguês, no qual a criança vivia sob estreita vigilância, nem abandonadas à própria sorte, como ocorria com a criança pobre, desde o medievo europeu (ARIÈS 1981). O pai é apresentado logo nas primeiras linhas como um homem que acaba de ficar de férias e tudo que deseja é sossego, o que, para ele, representa o isolamento social, ficar sozinho. Apesar de ser casado e ter filhos, de imediato ele não planeja um programa em família, apenas pensa em si:

Tudo começou numa quarta-feira quente de janeiro. Era mês de colocar as leituras em dia. Esquecer o mundo lá fora e se embrenhar durante trinta dias no mundo imaginário dos livros!  
Brammmm! A porta da sala bateu violentamente contra a parede. Abriram com uma bomba pode-

rosa: o pontapé. Os bárbaros chegaram. (SILVA, 2003, p.3)

Como se pode ver, as atividades deste pai são interrompidas pela chegada das crianças, denominadas, pelo narrador de “bárbaros”. O público infantil é protagonizado por cinco meninos e uma menina. A relação das crianças entre si é marcada por certa agitação própria da fase infantil, o que indicia o respeito do autor às peculiaridades dessas personagens. Sempre brincando e brigando ao mesmo tempo, falam, gritam, implicam umas com as outras, enfim são inquietas, cheias de energia. O modelo de infância próprio do século XXI reflete, dentre outras coisas, a agitação, a correria típica do modo de vida das pessoas que fazem muitas coisas ao mesmo tempo e que, geralmente, vivem nos grandes centros urbanos, ambiente no qual estão inseridas as crianças da obra analisada.

Além do incômodo que as crianças tendem a causar ao subverter a organização do mundo dos adultos, com barulho, invasão de privacidade do pai, outras questões que dizem respeito à família também são percebidas logo nas primeiras linhas da obra em questão. É possível ter noção de como se caracteriza o relacionamento dentro desta família a partir da colocação a seguir feita pelo dono da casa, pai de duas das crianças protagonistas e tio das demais: “- Mães irresponsáveis. Largaram essas crianças neste lugar minúsculo e foram passear no shopping. Como vou ler com tanto barulho!?” (SILVA, 2003, p.3).

Ressalta-se que o comentário acima parece corresponder a um desabafo de desagrado do adulto em ter de ater-se com as crianças, percebendo essa função como exclusivamente materna, ou mesmo como responsabilidade feminina. Esse fato alude ao modelo familiar burguês, resultante de uma sociedade eminentemente machista, delineado por Ariès (1981), mas também às mudanças de paradigma previstas por Bauman (2011) e Del Priore (2012), posto que cabe ao pai de férias cuidar das crianças.

O contexto familiar e as relações que nele ocorrem são intimamente ligados à concepção de infância. Em *Pai, posso dar um soco nele?* percebe-se que há maior flexibilidade na relação adulto-criança,

ou seja, apesar da tenra idade, os filhos vivem mais livres, mais à vontade, os pais tendem a deixá-los fazer o que querem, sem tanta vigilância adulta. Segundo Bauman (2011), essa situação é gerada pelo afrouxamento dos laços afetivos. No caso da obra analisada, as mães dos personagens infantis haviam ido ao shopping e nada demonstra que se preocupam com os filhos. Estes, em casa, parece fazer o que querem: “[...] as crianças começaram uma guerra de almofadas no quarto do casal”. (SILVA, 2003, p.3).

A fragilidade dos laços afetivos familiares, apontados como uma das características da contemporaneidade, antecipada pelas atitudes individualistas do pai, confirma-se com o distanciamento das mães, que não demonstram afeto pelos filhos, preocupação maior com eles. Segundo o pai declara, para elas, passar uma semana longe dos filhos seria um alívio.

Se no passado, o cuidar do lar, da família, era papel exclusivamente feminino, posto que ao pai caberia prover o sustento familiar, no conto em estudo há uma inversão significativa de papéis. Inclusive, há pouquíssimas referências às mães das crianças, que não são mencionadas nem mesmo para arrumar as crianças quando vão acampar, como é possível perceber-se pela passagem:

Quando todos estavam tomando café, surgiu na porta da cozinha um vulto que disse:

-Querido, você vai mesmo cometer esta loucura? Vai levar estas pestin... crianças para acampar. Acho que você não está no seu juízo perfeito.

-Louco! Eu!

-Ir com essas crianças para o meio do mato sozinho. Eu sei que elas são selvagens, mas não precisa exagerar. Assim é demais. Você está muito longe de ser um Indiana Jones. (SILVA, 2003, p.5)

Além do individualismo, do desapego aos afetos, outros fatores que interferem na concepção de infância e no comportamento das crianças do século XXI são apresentados na obra: o consumismo e a influência dos meios de comunicação.

Em *Pai, posso dar um soco nele?* há marcas e objetos representados como símbolos de felicidade, como ocorre com os alimentos ofertados pela indústria Nescau, McDonalds e Coca Cola, citados como produtos de desejo das crianças, embora os últimos sejam mais adequados ao público adulto. Isso certamente à influência dos meios de comunicação de massa, que veiculam o comportamento consumista e incentivam as crianças a adotar determinados hábitos e atitudes, como denuncia Postman (1999, *apud* MELO *et al.*, 2009).

Alimentos industrializados especialmente propagados pela mídia são uma presença constante na rotina de crianças na pós-modernidade, e isso também acontece com roupas, brinquedos, produtos de higiene pessoal, lugares para diversão etc. Influenciadas pela mídia, as crianças contemporâneas desejam cada vez mais consumir, possuir, comprar produtos que os anúncios lhes apresentam e que aparentemente são fontes de felicidade e segurança. Dessa forma o consumismo pode ser considerado um dos principais fatores que contribuíram para alterar a concepção de infância nos últimos anos.

Na obra em questão também há menção a lugares que as crianças gostam e costumam frequentar, como os parques temáticos: Play Center, parque da Mônica etc., típicos dos grandes centros urbanos regidos pelo capitalismo e apoiadas com os avanços tecnológicos da pós-modernidade. Os personagens infantis que são apresentados na narrativa só conhecem alimentos comprados em supermercados e só sabem nadar em piscinas, exemplos típicos de uma infância que se passa em uma cidade grande, que não tem contato algum com a natureza.

Nos últimos anos a tecnologia tem dado saltos cada vez mais largos. Novidades e avanços são constantes nessa área. Em *Pai, posso dar um soco nele?* os itens tecnológicos, como videogame e computador, fazem parte do cotidiano das personagens, sobretudo das crianças que dominam essas novas tecnologias bem mais que seus pais.

Durante o período de acampamento, o pai e as seis crianças encontram no meio do mato uma casa que funciona como “máquina do tempo”, pois os remete ao futuro, onde um grande problema os aguarda. A tecnologia avançara tanto que transformara radicalmente a

vida das pessoas, de modo que os computadores tornaram-se essenciais para sobrevivência da humanidade. Essa situação é revelada pela fala de um dos personagens do futuro:

- Um sistema poderosíssimo de comunicação fez com que o mundo inteiro coubesse na televisão, agora transformada em vídeo de computador. Com isso, tudo que necessitássemos bastava solicitar via computador e nos era entregue em casa. O comércio real foi substituído pelo comércio virtual. Mais tarde as relações humanas também. O ser humano passou a viver isolado, hipnotizado pela tela que a tudo supria. (SILVA, 2003, p.12)

Tal situação é semelhante ao que ocorre atualmente. As pessoas de diferentes faixas etárias, lugares e posições sociais vivem conectados à internet 24h por dia, através das redes sociais compartilham todo seu dia a dia com o mundo. Hoje é possível comprar de tudo sem sair de casa, isso sem falar das relações de amizades que se fazem através das redes virtuais, que possibilitam às pessoas conectarem-se e se desconectarem rapidamente. As modernas tecnologias, os aparelhos celulares e os computadores estão cada vez mais acessíveis, dominando a vida de pessoas que não sabem mais viver sem isso. (BAUMAN, 2011; 2004).

Para se comunicarem, as pessoas não mais precisam estar presentes nos mesmos lugares. Muitas vezes até preferem conversar com os que estão fora do convívio pessoal e familiar, fazendo uso da internet e do celular. Os relacionamentos presentes no mundo real tornaram-se mais distantes, superficiais e frágeis, inspirando o autor da obra em análise a apresentar isso na seguinte fala de um dos personagens do futuro:

- Ninguém mais sabia o que era amizade, sociabilidade, alegria, humor, brincadeira, amor, solidariedade. O homem se transformara num ser opaco, sem vida, um autômato, uma máquina que traba-

lhava, comia, assistia a vídeo e dormia, porque até mesmo a vida sexual das pessoas fora abolida. Agora o sexo era virtual porque a maior epidemia do século XXI, AIDS, dizimara quase toda a população africana e grande parte da população mundial. Todos viviam isolados. (SILVA, 2003, p.12)

Em *Pai, posso dar um soco nele?* as crianças são vistas como a solução dos problemas criados pelos adultos ao fazerem uso irrefletido dos recursos que criam. Aí reside a crítica maior da obra: as crianças – inicialmente vistas como problema para os adultos, percebidos como mais experientes e norteadores do futuro das novas gerações – na verdade são consideradas os únicos que poderão salvar a humanidade. Na trama narrativa claramente pontua que os adultos tentaram, sem êxito, resolver o problema. Por isso, as crianças são desafiadas a destruir o computador que comanda a vida das pessoas, e para conseguir isso elas enfrentam diversas dificuldades até conseguir cumprir a missão sem ajuda de adultos. O mais curioso é que, enquanto enfrentavam os desafios, ainda necessitavam cuidar do “pai”, que adormecera profundamente, ignorando os riscos que os pequenos corriam.

As seis crianças apresentadas nesta obra se revelam sujeitos de atitude, inteligentes, independentes e corajosas, chegam a ser diretamente responsáveis pelo futuro da humanidade. Elas são a representação da infância pós-moderna e o exemplo do quanto o conceito de infância mudou desde que este surgiu no século XVIII.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo desenvolvido possibilitou compreender que o conceito de infância muda de acordo com o contexto histórico-social em que a criança está inserida. Foi possível perceber também como essas mudanças ocorreram e continuam ocorrendo atualmente. E ainda como isso ficou registrado na arte literária através da representação social que é feita da infância.

Inicialmente concebida como um ser sem voz, sem identidade, sem valor afetivo e sem direitos, a criança representada na obra *Pai, posso dar um soco nele?* revela que hoje sua situação social é bem diferente. A criança contemporânea desde cedo é estimulada a ocupar um espaço em seu grupo social e nele atuar, apesar de suas peculiaridades.

As novas representações de infância decorrem de significativas mudanças na sociedade pós-moderna: do advento da tecnologia e de seu acelerado avanço no cotidiano das pessoas, apoiando interesses capitalistas. Em razão disso, surgem novas demandas, que absorvem a atenção e o tempo das pessoas, definem suas prioridades, enfraquecem as relações interpessoais, inclusive consanguíneas.

Através desse estudo foi possível perceber que a representação da infância encontrada na obra *Pai, posso dar um soco nele?*, de José Cláudio da Silva, é de um estágio de vida reconhecido com direitos, com voz e ao qual é atribuída importância, evidenciando o quanto a concepção de infância mudou desde a Idade Média até os tempos atuais. O estudo também revelou que a infância pós-moderna é influenciada pela mídia e é alvo do consumismo, além de estar inserida num contexto familiar onde a relação afetiva é superficial, sobretudo entre mãe e filhos.

REPRESENTATION OF POST-MODERN CHILDHOOD AT  
THE WORK “PAI, POSSO DAR UM SOCO NELE?”, BY JOSÉ  
CLÁUDIO DA SILVA

*ABSTRACT: This study discusses the contemporary representations of childhood, mediated by post-modern Brazilian literature, focusing on the work “Pai, posso dar um soco nele?” By José Cláudio da Silva. Therefore, we developed theoretical research and analytical study of the literary work taken as a sample. The theoretical research involved historical, sociological and literary criticism studies, highlighting authors as Ariès (1981), Bauman (2004;2011) and Del Priore (2001;2012). The results show that the analyzed literary work represents innovative parameters, i.e., different from the traditionally agreed, which, in turn, exemplifies the concepts developed by the theoretical basis of the study, revealing that the presentations are complex and vary based on time and space.*

## REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Philippe. **História social da família e da criança**. Trad. Dora Flaksman. 2.ed. Rio de Janeiro: LTC Livros Técnicos e Científicos, 1981.
- BAUMAN, Zygmunt. **44 cartas do mundo líquido moderno**. Trad. Vera Pereira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2011.
- \_\_\_\_\_. **Amor Líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- DEL PRIORE, Mary. **História do cotidiano**. São Paulo: Contexto, 2001.
- \_\_\_\_\_. A criança negra no Brasil. In JACÓ-VILELA, AM., and SATO, L., orgs. **Diálogos em psicologia social [online]**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2012. p. 232- 253.
- HEYWOOD, Colin. **Uma História da Infância**: da Idade Média à Época Contemporânea no Ocidente. Trad. Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- LAJOLO, Marisa. Infância de papel e tinta. In: FREITAS, Marcos César (org). **História da infância no Brasil**. São Paulo: Cortez, 1997.
- LYOTARD, Jean-François. **O Pós-moderno**. 3.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984.
- MELO, Cristiane Silva *et al.* O desaparecimento da Infância (Resenha). **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.35, p. 311-316, set. 2009.

OLIVEIRA, Nayara Hakime Dutra. **Recomeçar: família, filhos e desafios.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

SILVA, José Cláudio da. **Pai, posso dar um soco nele?.** São Paulo: Casa do novo autor, 2003.

STEARNS. Peter N. **A Infância.** Trad. Mirna Pinsky. São Paulo: Contexto, 2006.